

## A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA: OS OLHARES DE PROCÓPIO DE CESAREIA SOBRE AS GUERRAS DE JUSTINIANO

Renato Viana Boy – [renato.boy@uffs.edu.br](mailto:renato.boy@uffs.edu.br) - UFFS<sup>1</sup>  
Lyvia Vasconcelos Baptista - [lyviasconcelos@gmail.com](mailto:lyviasconcelos@gmail.com) - UFRN<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é problematizar a(s) forma(s) como Procópio de Cesareia, historiador bizantino do século VI d.C., retratou as guerras do imperador Justiniano contra os persas, vândalos, mouros e godos, na *História das guerras* (*Hyper ton polemôn logoi*). O ponto de partida para a análise da obra é a percepção de uma mudança gradativa do olhar que o autor lança para os conflitos e atuação dos personagens.

**Palavras-chave:** *Justiniano I, Procópio de Cesareia, historiografia, História das Guerras, Império Bizantino.*

**Abstract:** The aim of this article is to discuss how the wars of the Emperor Justinian against Persians, Vandals, Goths and Moors, are presented by the Byzantine historian of the sixth century AD, Procopius of Caesarea, in his book *History of the Wars* (*Hyper ton Polemon logoi*). The starting point for the analysis is the perception of gradual change in the way that the conflicts and character's actions are described by the author.

**Keywords:** *Justinian I, Procopius of Caesarea, historiography, History of the Wars, Byzantine Empire.*

Nos últimos dez anos, muita discussão foi produzida acerca da vida e obra de Procópio de Cesareia. Essa atenção proliferante, segundo Geoffrey Greatrex (2014, p.76), vem acompanhada de um aumento do interesse no reino de Justiniano e um foco cada vez maior nos escritos produzidos na Antiguidade Tardia e em Bizâncio. “Ressurgimento” é o termo que Greatrex usa para caracterizar esse fenômeno e parece adequado já que Procópio é um dos autores bizantinos que mais adquiriu popularidade dentro e fora dos estudos acadêmicos<sup>3</sup> e já no final do século VI, Evágrio qualificava

<sup>1</sup> Professor de História Antiga e Medieval da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó-SC.

<sup>2</sup> Professora de História Antiga e Medieval da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *campus* Natal.

<sup>3</sup> A fama dos escritos de Procópio se estendeu para muito além das fronteiras da capital do império e dos marcos do século VI. Para citar alguns exemplos, no século XVIII, Edward Gibbon (1985, p. 46) elogiou Procópio por sua excelente e bem-sucedida imitação dos textos antigos, não deixando de atribuir a ele um papel importante na reconstrução de sua própria perspectiva da história do Império Romano. Hermannus Braun (1885, p. 1), um século depois, afirmou que Procópio foi um dos maiores exemplos da imitação dos autores gregos, principalmente Heródoto e Tucídides. Autores como John Bagnall Bury (*Later Roman Empire*, 1923) e Ernst Stein (*Histoire du bas-empire*, 1949), que elaboraram importantes obras para o

muito positivamente a forma com a qual “Procópio, diligentíssimo, elegante e habilidoso, expôs os eventos da guerra [...]”<sup>4</sup>.

Os registros feitos por Procópio durante as chamadas Guerras de Reconquista de Justiniano (século VI), ao longo de mais de duas décadas de combates, formam hoje as mais detalhadas descrições destes conflitos. É uma escrita da História de tipo secular, concebida a partir de eventos militares contemporâneos ao seu autor. Dentre as obras do historiador, a *História das Guerras*, em particular, nos permite verificar uma proximidade da escrita de Procópio com antigos modelos clássicos de narrativa, como Tucídides e Heródoto, com a ressalva de Procópio ser um autor cristão, com preocupações e questões próprias de seu período. Um dos pressupostos de legitimação de sua narrativa como uma descrição “verdadeira” e confiável em relação aos fatos narrados segue os mesmos parâmetros dos clássicos antigos: um relato “verdadeiro” estaria ligado a uma descrição comprometida com o rigor em relação ao que foi testemunhado ou conhecido pelo historiador.

Procópio julgava-se ainda privilegiadamente habilitado para o registro das guerras promovidas por Justiniano. Isso se devia ao fato de o historiador ocupar, durante este período, o posto de Conselheiro<sup>5</sup> particular do general Belisário, estando assim numa posição de testemunha visual dos acontecimentos a serem por ele descritos. Nas palavras do próprio autor, era essa posição que conferiria maior grau de veracidade e confiabilidade a suas histórias:

Além disso, ele [Procópio falando de si próprio] não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque caiu para sua sorte, quando foi apontado conselheiro

---

desenvolvimento dos estudos tardo-romanos e bizantinos, utilizaram as informações veiculadas por Procópio. No campo literário, a obra de Herman Melville, *Moby Dick*, também faz referência à habilidade historiográfica de Procópio de Cesareia, ao mencionar um trecho da *História das guerras* para justificar a atuação histórica do cachalote, afirmando que. “No sexto século cristão viveu Procópio, um magistrado cristão de Constantinopla, no tempo em que Justiniano era imperador e Belisário general. Como se sabe, ele escreveu a história de seu tempo, um trabalho sob todos os aspectos de valor inestimável. Pelas maiores autoridades, sempre foi considerado um historiador dos mais confiáveis, nunca exagerado, exceto por um ou outro detalhe, que não dizem respeito ao assunto ora apresentado [...]” (MELVILLE, 2008, p. 233).

<sup>4</sup> EVAGRIUS. *Hist. Eccl.* IV, 12. Φιλοπονώτατα τοιγαροῦν κομψῶς τε καὶ λογίως ἐκτέθειται τῷ αὐτῷ Προκοπίῳ ἃ δὴ πέπρακται ὑπὸ Βελισαρίῳ στρατηγούντι τῶν ἐφῶν δυνάμεων Ῥωμαίοις τε καὶ Πέρσαις πρὸς ἀλλήλους πολεμοῦσι.

<sup>5</sup> O termo que Procópio utiliza para denominar sua atuação junto ao general do império é *xymboulōi*, frequentemente traduzido como “conselheiro”, com referência a alguém que dá um conselho sobre assuntos específicos ou negócios públicos. Na *Suda* (pi,2479) o termo que encontramos para definir a tarefa de Procópio é ὑπογραφεὺς [*hypographeus*], cujo sentido está mais próximo de um secretário ou escrivão, alguém que escreve o que o outro dita, ou um homem que conhece as leis (BAILLY, 2000, p. 2017).

do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos (*Guerra Pérsica*. I. 1, 3).<sup>6</sup>

Ainda no mesmo volume das *Guerras*, ao narrar o início das investidas contra os persas, Procópio descreve o contexto no qual Belisário fora nomeado comandante das tropas romanas, em meio aos confrontos na fronteira oriental:

Uma invasão também foi feita próximo à cidade de Nisibis por outra tropa romana, sob comando de Libelarius da Trácia. Esse exército retirou-se abruptamente, embora ninguém tenha vindo contra eles. E por causa disso, o imperador rebaixou Liberalus dessa função e nomeou Belisário comandante das tropas em Daras (*Guerra Pérsica*, I. 12, 23-24).<sup>7</sup>

E, na sequência, o historiador reafirma sua posição junto ao comandante das tropas romanas: “Foi naquele momento [527] que Procópio, que escreve essa história, foi escolhido como seu [do comandante Belisário] conselheiro” (*Guerra Pérsica*, I. 12, 24).<sup>8</sup>

Estas duas passagens são emblemáticas no que tange à relação de proximidade de Procópio de Cesareia, tanto com Justiniano, quanto com o general Belisário. O Imperador era quem havia nomeado Belisário o novo comandante das tropas imperiais, comandante este de quem o historiador poderia ser próximo, pelo posto por ele ocupado ao longo dos combates. Estas relações, que aproximam Procópio de uma hierarquia política e militar no período em que compôs os textos das *Guerras*, nos permitem pensar que, em grande medida, estamos diante de narrativas construídas e articuladas a partir de um ponto de vista aparentemente favorável tanto a Justiniano, quanto a Belisário. O fato de Procópio ter reservado suas principais críticas ao Imperador e ao general a outro conjunto de textos, a *História Secreta*, que não foram publicados em vida pelo historiador, corroborariam esta hipótese.

Essa proximidade, real ou aparente, de Procópio com os personagens principais de sua *História* acaba suscitando uma série de questões sobre a sua relação com o centro do poder imperial. O reino de Justiniano e as obras de Procópio estão invariavelmente interligados e, em geral, o historiador é o filtro a partir do qual as ações do imperador e de seus generais são julgadas. Longe de encerrar a discussão, essa constatação amplia ainda mais o leque de questionamentos, a partir de dois problemas principais: 1) as três

<sup>6</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico* I, 1, 3. “καί οἱ αὐτῷ ξυνηπίστατο πάντων μάλιστα δυνατὸς ὢν τάδε ξυγγράψαι κατ’ ἄλλο μὲν οὐδέν, ὅτι δὲ αὐτῷ ξυμβούλῳ ἡρημένῳ Βελισαρίῳ τῷ στρατηγῷ σχεδόν τι ἅπασι παραγενέσθαι τοῖς πεπραγμένοις ξυνέπεσε.”

<sup>7</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico* I, 12, 23-24. “εἰσέβαλε δὲ καὶ ἀμφὶ πόλιν Νίσιβιν ἄλλη Ῥωμαίων στρατιά, ἧς Λιβελάριος ἐκ Θράκης ἦρχεν. οἱ φεύγοντες εὐθωρὸν τὴν ἀναχώρησιν ἐποιήσαντο, καίπερ οὐδενὸς σφίσις ἐπεξιώντος. διὸ δὴ Λιβελάριον μὲν παρέλυσε τῆς ἀρχῆς βασιλεὺς, Βελισάριον δὲ ἄρχοντα καταλόγων τῶν ἐν Δάρας κατεστήσατο.”

<sup>8</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico* I, 12, 24. “τότε δὴ αὐτῷ ξύμβουλος ἡρέθη Προκόπιος ὃς τάδε ξυνέγραψε.”

obras atribuídas a Procópio (*Histórias das guerras, História secreta e Edifícios*) apresentam visões muito díspares das Guerras de Reconquista e do contexto das províncias imperiais no século VI; 2) apesar da *História das guerras* ser associada ao discurso oficial do poder, nela encontramos uma disposição claramente mutável da parte de Procópio no processo de descrição e avaliação dos eventos. É sobre o segundo tópico que gostaríamos de nos debruçar adiante.

\*\*

Na *História das Guerras*, os livros que compõem a *Guerra Vandálica* (livros III e IV) tratam das ações do imperador Justiniano contra os povos vândalos e mouros, envolvendo acontecimentos que se sucederam de 533 a 550. Procópio inicia o livro informando sobre o seu conteúdo geral e traçando as causas e antecedentes que levaram Justiniano a organizar uma expedição de reconquista dos territórios do norte da África.

Já na *Guerra Gótica* (livros V, VI, VII e VIII), Procópio relata os sucessos da reconquista da Itália, narrando fatos ocorridos entre 535 e 550. O historiador inicia a seção, anunciando que, primeiramente, contará o que ocorreu aos godos e italianos antes da guerra de Justiniano. No último livro da obra, o historiador informa que no 26º ano do governo de Justiniano, em 552, Roma foi capturada pela 5ª vez durante o seu reinado e Narses, imediatamente, enviou as chaves dos portões da cidade para o imperador (*Guerra Gótica*, VIII, 33, 27). Mas essa vitória, segundo Procópio, demonstrou com maior clareza que no caso dos homens que tinham sido condenados a sofrer o mal, mesmo aquelas coisas que parecem ser bênçãos, se tornam a sua destruição. Pois, os godos fugiram e abandonaram o domínio da Itália, destruindo sem piedade os romanos que encontravam no caminho. Ao mesmo tempo, os bárbaros do exército romano trataram como inimigos todos aqueles que eles encontraram quando entraram na cidade (*Guerra Gótica*, VIII, 34, 1-5).

O projeto de reconquista de Justiniano é bastante evidente nessas seções e, ao menos territorialmente, bem sucedido. O mesmo não ocorre nos dois primeiros livros, denominados *Guerra Pérsica*. O relato principal aborda a sucessão de acontecimentos ligados ao conflito entre romanos e persas, entre os anos de 502 e 549, embora as inúmeras digressões tenham permitido que o historiador inserisse no texto diferentes temporalidades. A narrativa começa mencionando a indecisão de Arcádio (377-408) sobre como deixar para Teodósio um império pacífico e organizado (*Guerra Pérsica*. I. 2, 1) e as ações políticas que se desdobraram a partir daí.

Os eventos narrados na primeira parte não parecem inseridos num plano maior de reconquista, e o palco dos conflitos são as províncias orientais. A luta contra os persas ocorreu em consequência de atentados fronteiriços e disputa de poder. O exército de Justiniano, ao fim e ao cabo, não venceu os persas, mas somente concordou em assinar um tratado de paz.

### **Considerações sobre as Guerras Pérsica e Vandálica**

Muito se tem dito, principalmente, sobre a vinculação da *Guerra Pérsica* com a divulgação de uma visão oficial dos acontecimentos. Se Procópio realmente se preocupou com isso, o objetivo maior não poderia ser a ampla circulação destas ideias, já que o texto foi escrito num grego arcaizante, mas talvez o de oferecer alguma inteligibilidade aos acontecimentos para aqueles que poderiam ter acesso à obra. Ora, o círculo dos futuros imperadores poderia se tornar um auditório em potencial. E, de fato, a memória do governo de Justiniano foi amplamente requisitada pelos imperadores. No século X, os bizantinos atribuíram honrosamente o adjetivo de “Grande” a Justiniano e “no século XII Manoel Comneno orgulhava-se de ser chamado de o ‘novo Justiniano’” (DIEHL, 1961, p. 38).

É difícil afirmar que a obra de Procópio tenha sido financiada diretamente pelo poder imperial, mas ficam claras as possibilidades de vincular a sua narrativa a um processo de apresentação oficial da memória sobre o governo de Justiniano, principalmente com relação a seu empreendimento bélico (BAPTISTA, 2011, pp. 386-388). Assim, numa leitura inicial é possível posicionar a *Guerra Pérsica*, pelo menos a maior parte da narrativa, ao lado do discurso político, apresentando os eventos de forma similar ao que encontramos, por exemplo, nos próprios escritos jurídicos de Justiniano, associando o projeto de reconquista ao desejo do monarca de tornar o império mais forte e protegido por Deus.

Na primeira parte da *História das guerras*, por exemplo, vemos uma oposição, entre a imagem imperial e a figura do líder bárbaro. Justiniano é descrito muito positivamente enquanto os reis persas são caracterizados pela crueldade e desajuste. No início do segundo livro, Procópio relata a facilidade com a qual Khusro se deixou influenciar pelos discursos contrários às atitudes de Justiniano, dado a inclinação já pré-

existente de romper o acordo de paz feito anteriormente com os romanos. Segundo o historiador, as acusações feitas contra o imperador, pelos vândalos, armênios e lazos

[...] seriam, naturalmente, um encômio para um digno monarca, a saber, que ele estava se esforçando para tornar seu reino maior e mais esplêndido. Pois essas acusações poderiam ser feitas também contra Ciro, o rei dos persas, e Alexandre, o macedônico. Mas a justiça nunca se acostumou a conviver com a inveja. Por essas razões, então, Khusro estava disposto a quebrar o tratado (*Guerra Pérsica*. II, 2, 14-15).<sup>9</sup>

No trecho citado, Procópio compara as ações do imperador às de Ciro e, principalmente, de Alexandre, personagem que serve de inspiração para os romanos em outras passagens. Também sobre Belisário recai uma visão positiva. Procópio enfatiza a atuação do general na sedição *Nika*, relatando como, com grande valentia e não sem perigo, ele atravessou o fogo e a multidão reunida no circo romano para enfrentar o usurpador do trono e os rebeldes amotinados (*Guerra Pérsica*. I, 24, 48). O historiador afirma que Belisário foi, aos olhos de todos os demais, uma pessoa honrada e distinta e desfrutava de uma excelente reputação<sup>10</sup>.

No relato sobre o cerco de Antioquia a narrativa da dramática invasão dos persas nessa cidade é completada com o discurso de Khusro aos embaixadores. Segundo o texto:

Não está longe da verdade, creio, aquele antigo ditado que Deus não dá graças puras, pois as mesclam com males e dá aos homens [...] Assim, essa cidade, que se diz e que de fato é a mais importante do território romano, pude conquistá-la sem esforço, já que Deus nos forneceu a vitória completa, como você, sem dúvida pode ver. Entretanto, ao ver uma matança de homens tão grande e um triunfo banhado em tanto sangue, não despertou em mim nenhuma sensação de gozo por tal feito. Disto são os infelizes antioquenos os culpados; os persas que estavam assaltando a muralha não foram capazes de rechacá-los e, logo, quando já haviam vencido e conquistado a cidade ao primeiro grito de guerra, decidiram lutar ombro a ombro contra eles, buscando a morte com insensata temeridade (*Guerra Pérsica*. II. 9, 1-5).<sup>11</sup>

<sup>9</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II, 2, 14-15. “καίτοι τοιαῦτα Ἰουστινιανῶ ἐπεκάλουν ἐγκλήματα, ἅπερ ἂν εἰκότως βασιλεῖ γενναίῳ ἐγκώμια εἶη, ὅτι δὴ τὴν βασιλείαν τὴν αὐτοῦ μείζω τε ποιῆσαι καὶ πολλῶ ἐπιφανεστέραν ἐν σπουδῇ ἔχοι. ταῦτα γὰρ καὶ Κύρω ἂν τις ἐπενέγκοι τῷ Περσῶν βασιλεῖ καὶ Ἀλεξάνδρῳ τῷ Μακεδόνι. ἀλλὰ γὰρ φθόνῳ τὸ δίκαιον οὐδαμῆ εἴθε ξυνοικίζεσθαι. διὰ ταῦτα μὲν ὁ Χοσρόης τὰς σπονδὰς λύειν διανοεῖτο.”

<sup>10</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I, 25, 12. Βελισάριος δὲ πάντων εὐδοκιμῶν μάλιστα ἔτυχεν.

<sup>11</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II, 9, 1-5. “Ὅυκ ἔξω τοῦ ἀληθοῦς τὸν παλαιὸν λόγον οἶμαι εἶναι, ὅτι δὴ οὐκ ἀκραιφνῆ τὰγαθὰ ὁ θεός, ἀλλὰ κεραννύων αὐτὰ τοῖς κακοῖς εἶτα τοῖς ἀνθρώποις παρέχεται. καὶ δι’ αὐτὸ οὐδὲ τὸ γελᾶν ἄκλαυστον ἔχομεν, παραπέπηγε δὲ τις αἰεὶ τοῖς μὲν εὐτυχήμασι συμφορὰ, ταῖς δὲ ἡδοναῖς λύπη, οὐκ ἔῶσαι τινα γνησίας ποτὲ τῆς δεδομένης εὐημερίας ἀπόνασθαι. πόλιν γὰρ τήνδε, ἀξιολογωτάτην ἐς τὰ μάλιστα λεγομένην τε καὶ οὖσαν ἐν γῆ τῇ Ῥωμαίων, ἀπονώτατα μὲν ἔλειν ἴσχυσα, τοῦ θεοῦ αὐτοσχεδιάσαντος ἡμῖν, ὡς ὄρατε δῆπου, τὴν νίκην. φόνον μέντοι ἀνθρώπων ὀρῶντί μοι τοσοῦτων τὸ πλῆθος, αἵματί τε πολλῶ βεβαπτισμένον τὸ τρόπαιον, οὐδεμία τῆς ἀπὸ τῆς πράξεως ἡδονῆς γέγονεν αἴσθησις. καὶ τῶνδε οἱ ταλαίπωροι Ἀντιοχεῖς αἴτιοι, οἳ γε τειχομαχοῦντας μὲν οὐχ οἰοί τε γεγόνασι Πέρσας ἀπώσασθαι, πρὸς δὲ νενικηκότας ἦδη καὶ αὐτοβοεῖ τὴν πόλιν ἐλόντας θράσει θανατῶντες ἀλογίστῳ ζυγομαχεῖν ἔγνωσαν.”

O narrador interfere dizendo que o rei dos persas era muito habilidoso em dizer justamente o que não havia se passado e “encobrir a verdade, colocando a culpa das faltas que ele tinha cometido naqueles que haviam sido as vítimas” (*Guerra Pérsica*. II. 9, 8). Essa característica peculiar do rei bárbaro, segundo Procópio, ficou evidente também por ocasião da invasão da cidade de Sura, quando, vendo uma mulher e seu filho serem arrastados por um outro bárbaro, o rei persa começou a lamentar para todos que estavam presentes na ocasião, e a rezar

[...] para Deus punir o homem que era culpado dos problemas que tinham acontecido. Neste momento Justiniano, o imperador dos romanos, foi o único a quem ele desejava que entendessem, embora soubesse bem que ele mesmo era o mais responsável por tudo. Dotado de tal singular natureza Khusro tornou-se rei dos Persas [...] e com nenhuma dificuldade ele conquistou aqueles que tinham se revoltado contra ele, e todos os danos que ele tinha se proposto a fazer aos romanos, realizou facilmente (*Guerra Pérsica*. II. 9, 10-12).<sup>12</sup>

Procópio informa que os persas e romanos firmaram um tratado de paz de cinco anos (*Guerra Pérsica*. II, 28, 11), mas afirma em seguida que

[...] ficou claro que Khusro, o rei persa, tinha feito o acordo com os romanos com traiçoeira intenção, a fim de que ele pudesse encontrá-los despreocupado com o motivo da paz e infligir sobre eles alguns graves danos” (*Guerra Pérsica*. II. 28, 15).<sup>13</sup>

O relato informa que três anos após o tratado, Khusro planejou a conquista da Daras e a invasão da região da Cólquida. Procópio informa sobre as vantagens que os persas teriam ao se apropriarem desse território (*Guerra Pérsica*. II. 28, 19-22).

Se os persas se empenham em demonstrar hostilidade aos romanos, planejando e executando invasões, na narrativa de Procópio, Justiniano é apresentado em sua tentativa de estabelecer um relacionamento mais pacífico. Na passagem sobre a estratégia fracassada dos persas em ocupar a cidade Daras, Procópio informa que um desertor romano avisou a um dos generais o que se passaria: alguns persas iriam se hospedar na cidade, colocariam fogo em pontos da cidade e devido à confusão dos romanos, abririam os portões para a entrada do grande exército persa. A comitiva persa, não conseguindo entrar em Daras partiu para a capital, e foi recebida em grande estilo

---

<sup>12</sup> PROCOPHIUS. *De Bello Persico*. II, 9, 10-12. “ εὐχασθαι τὸν θεὸν τίσασθαι τὸν τῶν γεγονότων κακῶν αἴτιον. Ἰουστινιανὸν δὲ τὸν Ῥωμαίων αὐτοκράτορα παραδηλοῦν ἤθελεν, ἐξεπιστάμενος ὅτι δὴ αὐτὸς αἰτιώτατος πάντων εἶη, τοσαύτη χρώμενος φύσεως ἀτοπία Χοσρόης βασιλεὺς τε Περσῶν γέγονε Ἰάμου τὸν ὀφθαλμὸν τοῦ δαιμονίου πηρώσαντος, ὅσπερ τῷ χρόνῳ τὰ πρωτεῖα εἰς τὴν βασιλείαν ἐφέρετο μετὰ γε τὸν Καόσην, ὄνπερ οὐδενὶ λόγῳ ἐμίσει Καβάδης” καὶ πόνῳ οὐδενὶ τῶν οἱ ἐπαναστάντων ἐκράτησε, κακὰ τε Ῥωμαίους ὅσα ἐβούλευσεν εὐπετῶς ἔδρασε.”

<sup>13</sup> PROCOPHIUS. *De Bello Persico*. II, 28, 15. “ Χοσρόης δέ, ὁ Περσῶν βασιλεὺς, ἐνδηλος γέγονε τὴν ἐκεχειρίαν νῶ δολερῶ πρὸς Ῥωμαίους πεποιημένος, ἐφ’ ᾧ δὴ αὐτοὺς διὰ τὴν εἰρήνην ἀναπεπτωκότας λαβῶν ἀνήκεστόν τι ἐργάσεται.”

pelo imperador Justiniano, mesmo não tendo nenhum assunto específico a tratar.

### Segundo Procópio

[...] o imperador Justiniano recebeu esse Isdigousnas com mais cordialidade e tratou ele com maior honra do que qualquer outro embaixador que conhecemos. [...] Pois ele recebeu e se despediu desse homem num estilo mais esplêndido do que aquele que convém a um embaixador, embora ele tivesse empreendido a embaixada por nenhum assunto sério, como eu disse (PROCOPIO. *Guerra Pérsica*. II, 28, 40-43).<sup>14</sup>

Apesar da apresentação benevolente do historiador com relação a Justiniano e Belisário, uma análise mais criteriosa pode revelar caminhos interpretativos que levam a uma crítica negativa com relação às ações imperiais, menos evidente do que nos livros subsequentes, mas ainda assim presente de forma sutil nos discursos apresentados ou no desencadeamento dos fatos. Tal postura nos permite compreender melhor o peso das críticas nas seções posteriores. Procópio menciona, por exemplo, que os romanos recuperaram Amida (em 504), dois anos depois de conquistada, por meio de dinheiro. Quando viram a penúria da cidade, se sentiram envergonhados por ter reconquistado a cidade somente através da compra (*Guerra Pérsica*. I, 9, 20-23). O relato procopiano do confronto entre romanos e persas parece favorecer o elemento bárbaro. Enquanto Kavadh conquista a cidade pela força, coragem, sorte e vontade divina, os romanos utilizam o dinheiro para ter uma cidade praticamente destruída de volta.

Em outra passagem, quando Belisário estava preparando a luta contra os persas, depois que foi chamado da Itália pelo imperador, convocou seus oficiais em Daras, para ouvir suas opiniões e disse:

[...] Se, entretanto, parece a vocês que algum propósito tem sido formado pelo poder imperial ou por mim acerca da presente situação, não deixe que esses pensamento entre em suas mentes. Pois, para ele [Justiniano], ele está completamente a parte do que está ocorrendo, e é, portanto, incapaz de adaptar seus movimentos ao momento oportuno. [...] quanto a mim, já que sou humano, e cheguei aqui vindo do ocidente depois de um longo intervalo, é impossível que algumas das coisas importantes não teria me escapado (*Guerra Pérsica*. II, 16, 9-12).<sup>15</sup>

O discurso de Belisário parece ressaltar apenas a dificuldade no planejamento e execução dos movimentos militares, afirmando que Justiniano não é capaz de fazer o

<sup>14</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II, 28, 40-43. “ τοῦτον μέντοι τὸν Ἰσδιγούσναν Ἰουστινιανὸς βασιλεὺς μάλιστα πρέσβειων ἀπάντων ὧν ἡμεῖς ἴσμεν ζῦν τε πολλῇ φιλοφροσύνῃ εἶδε καὶ διὰ τιμῆς ἰκανῶς ἤγαγεν. [...] ἀλλὰ καὶ μεγαλοπρεπέστερον ἢ κατὰ πρεσβευτὴν τὸν ἄνδρα τοῦτον ἐδέξατό τε καὶ ἀπεπέμψατο, καίπερ ἐπ’ οὐδενὶ ἔργῳ τὴν πρεσβείαν, ὥσπερ μοι εἴρηται, πεποιημένον. ”

<sup>15</sup> PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II, 16, 9-12. “ εἴ τι τοῖνυν ἢ βασιλεῖ τῷ μεγάλῳ ἢ ἐμοὶ βεβουλευθῆναι ὑπὲρ τῶν παρόντων δοκεῖ, μηδὲν ὑμᾶς τοῦτο εἰσίτω. ὁ μὲν γὰρ μακρὰν πῶν ἀπολελειμμένος τῶν πρασσομένων, οὐκ ἔχει τοῖς καιροῖς ἀρμόσαι τὰς πράξεις: ὥστε φόβος οὐδεὶς ἀπ’ ἐναντίας αὐτῷ ἰόντας τὰ ξυνοίσοντα ἐργάζεσθαι τοῖς αὐτοῦ πράγμασιν. ἐμὲ δὲ ἄνθρωπὸν τε ὄντα καὶ χρόνῳ μακρῷ ἐκ τῶν ἐσπερίων ἐνταῦθα ἐλθόντα μὴ οὐχὶ διαλαθεῖν τι τῶν δεόντων ἀδύνατον. ”



melhor movimento e que, ele próprio, enquanto general, estava com a difícil tarefa de se ambientar nos assuntos da guerra naquela região. O próprio fato de Justiniano ter enviado Belisário para lutar contra os persas, depois de muito tempo envolvido numa diferente frente de batalha, no ocidente, poderia apontar a inaptidão do imperador em adotar a melhor estratégia.

O próprio esforço de Justiniano, mostrado anteriormente, de estabelecer relações com os persas pode ser interpretado num caminho diferente. Sobre a comitiva persa recebida por Justiniano, após a tentativa de ocupação abortada na cidade de Daras, Procópio informa que foi surpreendentemente bem tratada. O historiador ressalta que Justiniano tratou Isdigousna, chefe da comitiva estrangeira, com maior honra, como jamais visto anteriormente (*Guerra Pérsica*. II. 28, 40). Entretanto, depois de relatar o comportamento alimentar do persa e do imperador, e o lugar de destaque ocupado pelo intérprete, Procópio informa que se “[...] alguém contar o dinheiro dispensado e os presentes que Isdigousnas levou com ele quando ele partiu, encontrará a quantia de não mais de 10 centenários de ouro” (*Guerra Pérsica*. II. 28, 44).<sup>16</sup> Num período em que o império esteve envolvido em constantes conflitos, tanto no oriente, quanto no ocidente, um gasto imperial sem qualquer fundamento, pois os persas já tinham perdido a luta por Daras e a embaixada não revelou um motivo satisfatório para ser empreendida, pode indicar, no mínimo uma avaliação negativa da atitude de Justiniano aos olhos do historiador.

Somam-se a estas, outras passagens que podem ser levantadas para corroborar a ideia de que uma leitura mais atenta não é capaz de apontar uma total excitação positiva do historiador já nos primeiros livros da *História das Guerras*, pois encontramos um considerável nível de crítica negativa, ainda que velado aos olhos de muitos leitores modernos. Procópio pode ter sido favorável à restauração do império no norte da África, mas, posteriormente, teria desaprovado a corrupção, incompetência e ilegalidade que Justiniano, gradativamente, trouxe para a campanha imperial e, certamente, o historiador demonstrou os efeitos e extensão dessa postura. A *História das Guerras*, como um todo, seria um documento, acima de tudo, contrário à guerra, talvez simpático ao ideal imperial romano, mas contra ao que Justiniano fez com ele. Desta forma, uma análise dos principais temas trabalhados no livro e das técnicas literárias com as quais

---

<sup>16</sup> PROCOPÍUS. *De Bello Persico*. II, 28, 44. “ ἦν γὰρ τις τὰς τε δαπάνας διαριθμήσαιτο καὶ τὰ δῶρα ὅσα ἐνθένδε κεκομισμένους Ἰσδιγούσνας ἀπιῶν ᾗχετο, πλέον αὐτὰ κατατείνοντα ἢ ἐξ χρυσοῦ κεντηνάρια δέκα εὐρήσει. ”

Procópio teceu a sua narrativa factual, revelaria a sua postura antiguerria<sup>17</sup>.

Embora uma visão pouco otimista dos acontecimentos já esteja presente nos primeiros livros, as seções posteriores mostram uma significativa mudança na atitude de Procópio com relação aos personagens centrais, apontando com mais clareza os pontos negativos do projeto imperial. Na *Guerra Vandálica*, por exemplo, vemos a importante descrição da revolta dos soldados, em 536. Procópio explica que o motivo do motim se dividia em dois argumentos: em primeiro lugar, a reivindicação dos soldados romanos que se casaram com mulheres vândalas, para receberem as terras que foram confiscadas pelo império. Junto a isso, a revolta dos soldados que professavam o arianismo com relação à proibição de realizarem seus ritos, durante a celebração da Páscoa (PROCÓPIO. *Guerra Vandálica*. IV. 14, 7). Segundo Procópio, posteriormente, a maioria dos soldados romanos se juntou ao motim na esperança de conseguir terras. A presença de Belisário (que foi enviado especificamente para conter essa situação, visto que estava lutando contra os godos na Itália) gera alguns confrontos militares com os amotinados (*Guerra Vandálica*. IV. 15, 9-49), mas o general, ao contrário do que ocorre na sedição *Nika*, é incapaz de resolver o problema no seio do próprio exército romano. Quando o imperador soube dos acontecimentos, mandou seu primo Germano à Líbia, com um reduzido número de homens. Germano travou confrontos com os amotinados e conseguiu que muitos abandonassem a rebelião, voluntariamente, em 537 (*Guerra Vandálica*. IV. 16, 1).

O foco na descrição da revolta dos soldados pode indicar uma crítica à política de Justiniano, pois, segundo Procópio, quando a frota de Belisário partiu de Constantinopla em direção ao norte da África, a cerimônia de despedida foi dirigida em tom religioso e, ao menos oficialmente, a batalha pela heresia foi um motivo fundamental para a reconquista. Entretanto, essa frota contava com a presença de não menos de 1.000 soldados arianos, como destacado pelo historiador. Assim, no seio do exército havia, então, povos não assimilados em relação àquilo que parecia ser, durante a expedição, o maior fundamento da lealdade imperial: o cristianismo católico. O decreto que proibiu a participação dos arianos nos rituais durante a festividade religiosa irritou uma massa de soldados podres, mal pagos e insatisfeitos com a distribuição dos

---

<sup>17</sup> Hipótese inicialmente levantada por Anthony Kaldellis (2010, p. 256).

espólios. O elemento externo e primordial da revolta foi, em todo o caso, a falha das autoridades em antecipar uma situação eminente. Walter Kaegi (1965, p. 44) é sagaz ao considerar que a revolta dos soldados arianos marcou o fim de duas políticas incompatíveis: a promoção oficial da unidade católica de um lado, e de outro a tolerância limitada ao arianismo. A política da tolerância tinha deixado duas raízes heréticas na África: população vandálica após a derrota e os 1.000 arianos no seio do próprio exército e Procópio poderia ter percebido isso.

Além disso, é nos livros III e IV que encontramos o relato dos confrontos que levaram Belisário a uma de suas maiores vitórias (seguida da maior recompensa) como general do império. Porém, embora a seção termine com a vitória das tropas imperiais, em 548, o tom não é otimista, pois, “Desta forma, os que sobreviveram dentro os líbios, que eram poucos e extremamente pobres, os ocorreu que, por fim e a duras penas, puderam desfrutar de alguma paz” (*Guerra Vandálica*. IV. 28, 52).<sup>18</sup>

### **Procópio de Cesareia e suas abordagens da Guerra Gótica**

A busca de Procópio por uma obra que se comprometesse com a “verdade” dos fatos afastava as suspeitas de deslealdade em relação ao imperador Justiniano. Isto porque o historiador seguiu junto às tropas imperiais nas campanhas militares na Itália, tendo sido enviado pelo próprio imperador Justiniano, com o intuito de testemunhar e registrar os eventos que seriam objetos de suas narrativas. Pelo menos nos primeiros anos da Guerra Gótica, Procópio parece ter-se mantido junto ao general e comandante das tropas romanas na Itália, Belisário, atuando como Conselheiro particular deste. Quando dizemos que Procópio esteve nos primeiros anos junto a Belisário, estamos nos referindo mais especificamente ao período intercalado entre os anos 527, ano em que Belisário foi nomeado comandante das tropas romanas em Daras, na fronteira oriental, e 540, ainda em meados da Guerra Gótica. Como veremos adiante, foi nesse ano o historiador teria saído da Itália e regressado a Constantinopla, juntamente com o próprio general.

Entretanto, Procópio não foi testemunha de todos os eventos que narrou na *Guerra Gótica*. Sendo assim, é possível encontrarmos algumas importantes variações na

---

<sup>18</sup> PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. IV. 28, 52. “ οὕτω τε Λιβύων τοῖς περιγενομένοις, ὀλίγοις τε καὶ λίαν πτωχοῖς οὖσιν, ὅψε καὶ μόλις ἠσυχίαν τινὰ ξυνηνέχθη γενέσθαι.”

forma como Procópio aborda seu objeto ao longo de seus textos, resultando no que Averil Cameron chamou de uma “mudança de entusiasmo” do historiador ao longo de sua escrita. Segundo esta autora, de um excitação jovial percebido nos primeiros anos da guerra contra os godos, Procópio passa a um estado de desapontamento com Belisário e de resignação (CAMERON, 1996, p. 7).<sup>19</sup> Um acontecimento que marca essa virada do historiador no tratamento do seu objeto é o fato de ele provavelmente ter saído da Itália junto com Belisário, por volta do ano 540, quando o general fora chamado novamente para defender a fronteira oriental, tendo permanecido em Constantinopla pelos anos seguintes da guerra:

E o imperador, não tanto por ter sido persuadido por aquelas difamações como porque a Guerra Médica estava já pressionando-o, chamou Belisário a voltar tão rápido quanto possível, a fim de tomar o campo contra os persas [...] (*Guerra Gótica*. VI. 30, 2).<sup>20</sup>

Numa passagem na qual o historiador relata a grande peste de Constantinopla, em 542, Procópio afirma claramente que estava na capital do Império nesse período, e não na Itália:

E essa doença sempre teve seu início na costa e de lá foi para o interior. E no segundo ano ela alcançou Bizâncio [Constantinopla] no meio da primavera, onde aconteceu de eu estar residindo naquela época (*Guerra Pérsica*. II. 22, 9-10).<sup>21</sup>

Por não ter estado presente na Península Itálica ao longo da década de 540, Procópio teria elaborado suas histórias, referente a esses anos de combates, a partir não de seu testemunho próprio, mas por informações fornecidas por terceiros, não claramente explicitados ou identificados na obra. O historiador Warren Treadgold aponta que Procópio, provavelmente, teria a intenção de publicar *História das Guerras*, em sua totalidade, por volta do ano 540. Entretanto, desde 541 muitos importantes eventos continuaram a ocorrer (como a peste em Constantinopla, citada no trecho

<sup>19</sup> Essa opinião referente a uma mudança de um entusiasmo inicial de Procópio na *Guerra Gótica* para um desapontamento e até mesmo uma decepção a partir da década de 540 é compartilhada por outros pesquisadores. Como exemplos, citamos CATAUDELLA, M. R. *Historiography in the East*. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). *Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden: Brill, 2003. Pp. 392-393 e p. 413; KALLI, Maria K. *The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73)*. München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 2; SCOTT, Roger. *Justinian's new age and the Second Coming*. In: \_\_\_\_\_. *Byzantine Chronicles and the Sixth Century*. Londres: Variorum/Asghate, 2012. p. 20.

<sup>20</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI. 30, 2. “βασιλεὺς δὲ οὐχ ὅσον ταῖς διαβολαῖς ταύταις ἀναπεισθεῖς, ἀλλ’ ὅτι οἱ ὁ Μηδικὸς πόλεμος ἐνέκειτο ἤδη, Βελισάριον μὲν ὡς τάχιστα μετεπέμψατο, ὅπως ἐπὶ Πέρσας στρατεύσειεν.” Ressaltamos aqui que, o fato ao qual Procópio se refere na citação acima como “difamações” se refere a sua narrativa imediatamente anterior ao trecho citado, na qual o historiador afirmava que oficiais do exército imperial haviam caluniado Belisário, acusando-o de “tirano” junto ao imperador.

<sup>21</sup> PROCOPIUS. *De Bello Pérsico*. II. 22, 9-10. “ἀνέβανε χώραν. δευτέρῳ δὲ ἔτει ἐς Βυζάντιον μεσοῦντος τοῦ ἤρος ἀφίκετο, ἔνθα καὶ ἐμοὶ ἐπιδημεῖν τηνικαῦτα ζυνέβη.”

acima, e a própria continuidade dos conflitos entre romanos e godos na Itália), obrigando-o a adiar a data de sua publicação (TREADGOLD, 2010, p. 185). Por não ter testemunhado diretamente a maior parte dos eventos decorridos na Itália ao longo desta década, suas narrativas acabaram sendo bem menos detalhadas e sua compreensão dos eventos menos sutil, em comparação com as narrativas dos primeiros anos da Guerra Gótica.<sup>22</sup> Além de menos detalhadas, outra consequência nessa mudança de perspectiva nas descrições de Procópio pode ser percebida na forma como o historiador apresenta algumas críticas ao governo de Justiniano e ao general Belisário.

Primeiramente, é importante salientar que as críticas, quando presentes na *Guerra Gótica*, são apresentadas pelo historiador, muitas vezes, de uma forma sutil e indireta, valendo-se especialmente da reprodução das falas e ações de outros personagens, cujas opiniões em relação ao governo imperial poderiam ter sido compartilhadas por Procópio. Entretanto, Averil Cameron, historiadora especialista no estudo da historiografia bizantina do período da Antiguidade Tardia, acredita que algumas críticas a Justiniano, colocadas nas falas e ações de outros indivíduos, poderiam estar ligadas às suas próprias críticas e opiniões pessoais em relação ao governo imperial. Um exemplo pode ser visto na *Guerra Pérsica*, quando relata as observações do persa Mermeroos:

E Mermeroos observou, por meio de um insulto, que o romano era digno de lágrimas e lamentações, pois tinham chegado a tal estado de fraqueza que tinham sido incapazes, por qualquer plano, de capturar cento e cinquenta persas indefesos. (*Guerra Pérsica*, II. 30, 17)<sup>23</sup>

Entretanto, quando nos debruçamos sobre as narrativas da *Guerra Gótica*, em especial nos textos produzidos quando Procópio teria retornado ao oriente e não mais testemunharia os desdobramentos dos combates na Itália, encontramos algumas críticas ao imperador Justiniano na voz do próprio historiador. Esses trechos estão presentes principalmente no livro VII, referente justamente aos eventos passados nos anos 540. Nestas passagens, o historiador tece algumas de suas opiniões diretamente, sem valer-se das falas ou ações de outros personagens. Um exemplo é encontrado quando Procópio afirma que, apesar dos constantes ataques dos érulos à Trácia e ao Ilírico, o Imperador sempre pagava a eles um tributo sem maiores resistências:

---

<sup>22</sup> Além de Warren Treadgold, essa sugestão de saída do historiador da Itália nesse período, juntamente com as consequências disso para a construção de sua narrativa, são também trabalhadas por Averil Cameron (1996, p. 136).

<sup>23</sup> PROCOPIUS, *De Bello Pérsico*. II. 30, 17. “ὁ τε Μερμερόης ἐπιτωθάζων δακρύων τε καὶ θρήνων ἀξίαν Ῥωμαίων τὴν πολιτείαν ἔφασκεν εἶναι, οἷς γε δὴ ἐς τοῦτο ἀσθενείας περιεστήκει τὰ πράγματα, ὡς πεντήκοντά τε καὶ ἑκατὸν ἀτειχίστους Πέρσας μηδεμιᾶ μηχανῇ ἐξελεῖν δεδυνήσθαι.”

Então, sempre que mensageiros dos érulos são enviados a Bizâncio [Constantinopla], representando muitos homens que estão saqueando súditos romanos, eles recolhem toda a sua contribuição do Imperador sem a menor dificuldade e as levam para a casa. (*Guerra Gótica*, VII. 33, 14)<sup>24</sup>

Outro exemplo é percebido quando o historiador descreve a chegada dos exércitos imperiais, trazendo consigo alguns godos e suas riquezas, conquistados na Itália. No trecho abaixo, Procópio acusa Justiniano de ter negado a Belisário os triunfos da Guerra Gótica por “inveja”, apesar das conquistas do general:

Mas ao receber a riqueza de Teodorico, uma notável visão em si mesma, ele apenas enviou para os membros do Senado para ver pessoalmente no palácio, estando com inveja por causa da magnitude e esplendor dos empreendimentos; e ele nem as trouxe para fora, diante do povo, nem fez para Belisário o acordo do habitual triunfo, como tinha feito quando ele voltou da vitória sobre Gelimar e os vândalos. (*Guerra Gótica*, II. 30, 17)<sup>25</sup>

Como visto, tentar definir de maneira clara os trechos na *História das Guerras* nos quais Procópio teria apresentado seus questionamentos ao governo de Justiniano, velados sobre falas e ações de outros indivíduos, é uma tarefa complexa e que exigiria, sem dúvida, um estudo comparativo destas narrativas com os escritos da *História Secreta*. Por outro lado, apesar da liberdade restrita que o historiador possuía na construção da *História das Guerras*, é possível encontrarmos Procópio descrevendo de maneira mais crítica algumas ações do Imperador, articulada em seus registros de maneira que não se configurasse numa explícita atitude de deslealdade ao governo imperial. Tal postura encontrava sua justificativa no compromisso assumido pelo historiador com o relato daquilo que considerava ser uma narrativa da “verdade” histórica, apresentada no primeiro capítulo da *Guerra Pérsica*, o primeiro livro da *História das Guerras* (*Guerra Pérsica*, I, 1, 4-5).

Um ponto problemático chama a atenção nessas reflexões aqui propostas. Procópio se utiliza claramente de modelos clássicos de escrita da História, como Heródoto e Tucídides, para a construção de suas narrativas das *Guerras*. E um dos princípios de que suas narrativas eram verdadeiras se baseava no fato de o historiador ter testemunhado grande parte das ações de combate por ele descritas em sua obra. Entretanto, como já dito, desde o ano 540 que Procópio não havia mais presenciado os desdobramentos dos combates entre romanos e godos na Itália, se valendo de outros

---

<sup>24</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII. 33, 14. “ ἡνίκα οὖν Ἐρούλων ἐς Βυζάντιον πρέσβεις σταλεῖεν, τούτων δὴ τῶν ἀνδρῶν, οἱ τοὺς Ῥωμαίων κατηκόους ληΐζονται, τὰς συντάξεις ἀπάσας πρὸς βασιλέως κεκομισμένοι πόνῳ οὐδενὶ ἀπαλλάσσονται.”

<sup>25</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII, 1, 3. “ τὸν δὲ Θεωδερῖχου πλοῦτον ἀξιοθέατον ὄντα δεξάμενος ἐν Παλατίῳ τοῖς μὲν ἐκ βουλῆς ἐν παραβύστῳ θέαμα προῦθηκεν, ἐπὶ τῷ ὄγκῳ τῶν πεπραγμένων φιλοτιμούμενος, οὔτε δὲ ἐς τὸν δῆμον ἐξήνεγκεν οὔτε τὸν θρίαμβον Βελισαρίῳ παρέσχετο, ὥσπερ ἡνίκα Γελίμερά τε καὶ Βανδύλου νενικηκῶς ἦλθε.”

testemunhos para o complemento da composição de suas narrativas. Lembramos que essa mudança na forma de lidar com o objeto de suas descrições resultou numa mudança de perspectiva do próprio historiador em relação ao imperador Justiniano, à Belisário e às próprias guerras.

A estes elementos, acrescentamos a própria trajetória do historiador ao longo de quase duas décadas de guerra entre os exércitos imperiais e os godos na Itália. Teria sido a combinação de todos estes fatores (uma guerra longa à qual o historiador não testemunha presencialmente por completo, desilusões com os desfechos dos combates a partir da década de 540, críticas às ações políticas e militares de Justiniano), que fizeram dos livros da *Guerra Gótica*, entre aqueles que compõem a *História das Guerras*, um objeto específico e bastante rico para análises.

Há que se ressaltar ainda que as guerras na Itália teriam oferecido aos exércitos de Justiniano os maiores obstáculos e dificuldades daqueles anos de conflitos, durante um tempo mais prolongado do que aqueles vividos pelos romanos contra os persas ou os vândalos. Essa opinião, apresentada primeiramente por Cameron, é compartilhada por Treadgold, que diz ser a *Guerra Gótica*, também devido à sua complexidade, o “trabalho mais maduro de Procópio” (CAMERON, 1996, p. 207, e TREADGOL, 2010, p. 204).

Partindo dessa observação, uma questão pode ser colocada: o fato de Procópio não ter presenciado boa parte dos eventos narrados na *Guerra Gótica*, representaria, de alguma forma, uma diminuição ou questionamento em relação aos princípios de uma narrativa dos conflitos tida como “verdadeira” para seus contemporâneos? Tal questionamento pode ser pautado pelo fato de, tanto para Procópio quanto para os antigos historiadores clássicos, o testemunho do narrador ser considerado um elemento essencial à confiabilidade de uma narrativa dita “verdadeira”.

Nossa hipótese para esta questão é que a reputação de Procópio não parece ter sido afetada, pois o seu distanciamento dos fatos não é claramente divulgado, embora tenha alterado a forma de apresentação dos eventos. A mudança de perspectiva em relação às guerras estaria relacionada a três fatores: 1) aos desdobramentos e extensão dos combates; 2) ao distanciamento geográfico do historiador em relação aos fatos registrados; 3) a um certo descontentamento com aspectos da política imperial de Justiniano e com algumas posturas do general Belisário. James Evans destaca o fato de Procópio ter nascido em Cesareia, possuindo origens orientais, o que poderia ter

contribuído para a desmotivação emocional do autor em relação ao plano de *renovatio* imperial, pois no movimento de Justiniano rumo à reconquista das regiões ocidentais, os persas tomavam vantagem no oriente bizantino e chegaram a dominar Antioquia, uma região rica e muito importante para o império (EVANS, 1968, p. 137). Para Averil Cameron, o conteúdo da *Guerra Pérsica* é narrado de forma mais detalhada, porque se trata de um território que Procópio conhecia bem, devido ao contexto de seu nascimento e criação. O mundo descrito nos primeiros livros é o das provinciais orientais, abrangendo, especialmente, a Síria e a Mesopotâmia, regiões onde os habitantes viram lutas e negociações, ente Bizâncio e o Irã, se desdobrando por séculos. Estas eram regiões cosmopolitas, caracterizadas por uma mistura de influências gregas, pérsicas e semíticas (CAMERON, 1996, p. 152).

Sendo assim, pensamos que as mudanças que o historiador apresenta não apenas na sua percepção da guerra contra os godos na Itália, mas também no que diz respeito à política de Justiniano e às ações do general Belisário, tenham sido o resultado da própria mudança de perspectiva em relação ao objeto de seus registros. O seu deslocamento em relação ao foco dos conflitos, uma certa decepção em relação ao imperador e ao general, teriam resultado também naquilo que Cameron chamou de uma “mudança de entusiasmo” de Procópio em suas narrativas (CAMERON, 1996, p. 7).

Não se trata, entretanto, de uma mudança de perspectiva historiográfica que alteraria bruscamente o tratamento do historiador na *Guerra Gótica* com relação às outras seções de sua obra. Procópio de Cesareia passa de uma narrativa mais detalhada e comprometida com os interesses do império nas guerras para um tipo de descrição menos entusiasmada, sem maiores detalhamentos e, em certa medida, apresentando algumas críticas mais explícitas, direcionadas ao governo e ao exército bizantino, particularmente no livro VII.

\*\*

Acreditamos ser possível compreender as mudanças de perspectiva no desenrolar da *História das Guerras* como a construção de uma narrativa que é produto da contemporaneidade do seu autor e das experiências por ele vividas durante um período de tensões militares e políticas, nas relações entre a capital do Império, Constantinopla, e os antigos domínios romanos na Itália. Encontramos Procópio de Cesareia se utilizando de um modelo clássico antigo de escrita da História, do qual era



leitor desde os seus primeiros anos de estudos, para apontar respostas a problemas de sua época e ao objeto principal de suas narrativas.

Assim, as diferentes abordagens apresentadas por Procópio em relação aos eventos e personagens ao longo de seus registros seriam, em nosso estudo, resultado, acima de tudo, de um reflexo da dinâmica dos conflitos e do impacto que este longo período de tensão e combates teria gerado no olhar e nas opiniões do historiador em relação a este complexo objeto de suas narrativas.

## Documentos e Bibliografia

### Textos para a pesquisa:

EVAGRIO SCHOLASTICO. *The ecclesiastical history*. Trad. Edward Walford. London: Samuel Bagster and Son, 1846.

PROCOPIUS. *Guerra Gótica. History of The Wars. The Gothic War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

PROCOPIUS. *Guerra Pérsica. History of The Wars. The Persian War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1996 (1ª edição: 1914).

PROCOPIUS. *Guerra Vandálica. History of The Wars. The Vandalic War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

### Referências bibliográficas:

BAILLY, Anatole. *Abrégé du dictionnaire Grec Français*. Paris : Librairie Hachette, 2000.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. História, memória e política na análise da obra Guerra Persa. In: Alice Maria de Souza; Ana Teresa Marques Gonçalves; Giselle Moreira da Mata. (Org.). *Dinâmicas socioculturais na antiguidade mediterrânica: memórias, identidades, imaginários sociais*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, p. 386-388.

BRAUN. *Procopius Caesariensis quatenus imitatus sit Thucydidem*. Erlangen: Typis Jungii et Filli, 1885.

BURY, J. B. *History of the Later Roman Empire: From the Death of Theodosius I to the Death of Justinian*. New York: Dover Publications, 1958.

CAMERON, Averil. New Themes and Styles in Greek Literature, a title revisited. In.: JOHNSON, S. F. (ed.). *Greek literature in late antiquity: dynamism, didacticism, classicism*. Hampshire: Ashgate, 2006 p. 11-28.

\_\_\_\_\_. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 1996.

CATAUDELLA, M. R. Historiography in the East. In: MARASCO, Gabriele. (Org.). *Greek and Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden: Brill, 2003. pp. 392-393 e p. 413;

DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da História Bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

GREATREX, Geoffrey. Perceptions of Procopius in recent scholarship. *Histos*, v. 8, 2014, pp. 76-121.

GIBBON, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1985.

HOWARD-JOHNSTON, James. The education and expertise of Procopius. *Antiquité Tardive*, 8, 2000, p. 19-30.

KAEGI, Walter. Arianism and the Byzantine Army in Africa 533-546. *Traditio*, n. 21. P. 23-53.

KALDELLIS, Anthony. Procopius' Persian War: a thematic and literary analysis. In.: MACRIDES, Ruth (ed.). *History as literature in Byzantium: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies, University of Birmingham, April 2007*. Surrey: Ashgate, 2010. p. 253-273.

\_\_\_\_\_. *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

KALLI, Maria K. *The Manuscript Tradition of Procopius' Gothic Wars; A reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript (Athos, Lavra H-73)*. München, Leipzig: K. G. Saur, 2004. p. 2;

KOUROÚMALI, Maria. *Procopius and the Gothic War*. Thesis submitted in fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Corpus Christi College and History Faculty. Universidade of Oxford, Trinity term 2005. 344p.

MELVILLE, H. *Moby Dick*. São Paulo: Cosac Naify, 2008

SCOTT, Roger. Justinian's new age and the Second Coming. In: \_\_\_\_\_. *Byzantine Chronicles and the Sixth Century*. Londres: Variorum/Asghate, 2012.

STEIN, E. *Histoire du Bas-Empire: de la disparition de l'Empire d' Occident à la mort de Justinien (476-565)*. Paris: Desclée de Brouwer, 1949.

TREADGOLD. Warren. *The Early Byzantine Historians*. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.